

## LETRAMENTO LITERÁRIO: ENTRE RASTROS TEXTUAIS, MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E REESCRITAS

Seli Santos de Jesus (Pós- Crítica – UNEB)<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho consiste em uma reflexão sobre o letramento literário enquanto prática social e cultural que entrelaça o texto, memória, vivência e reescrita, mostrando a relevância de uma abordagem crítica que perpassa a subjetividade do sujeito. A leitura subjetiva permite ao leitor perpassar as percepções, emoções, valores, crenças e identidades permeadas na leitura. A mesma se torna eficiente quando o leitor consegue refletir, analisar e reconhecer as vozes sociais presentes no texto. Ao revisitar as memórias e produzir reflexões, evocar emoções e vivenciar lembranças, o leitor assume uma postura questionadora, crítica e transgressora. A proposta restringe-se em analisar como o letramento literário pode ser relevante, significativo e libertador para transformação dos sujeitos sociais, tendo em vista as narrativas, reescritas, fabulações, representações e ressignificações da leitura do texto literário. Como embasamento teórico tecemos diálogo com Freire (1987, 1996), Cosson (2022), Jouve (2002), bell hooks (2017), Cruz (2012), Gomes (2011), Araujo (2006), Paulino (2004). A pesquisa em questão é de caráter exploratório, pois a leitura literária é um ato político, exercício ativo e libertador. A investigação ocorreu com um grupo de estudantes de escola pública de Mata de São João, Bahia, turma do 9º ano da Escola Municipal Célia Goulart de Freitas, que nos permitiu aprofundar a perspectiva qualitativa. Para tanto, tecemos diálogos com o Conto Maria, presente na obra Olhos D'Água da escritora Conceição Evaristo. Esperamos que este estudo possibilite aos docentes e discentes uma ressignificação de saberes.

**Palavras-chave:** Construção do leitor crítico, Leitura Subjetiva, Letramento Literário.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidade e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: [seli.jesus@yahoo.com.br](mailto:seli.jesus@yahoo.com.br). Orientadora: Maria de Fátima Berenice da Cruz.





Este artigo organiza-se em três eixos principais, articulando fundamentos teóricos, práticas pedagógicas e caminhos metodológicos. No primeiro, discute-se a formação do sujeito leitor e a leitura subjetiva como forma de reexistir, uma vez que a leitura literária pode despertar a consciência crítica racial, levando o leitor a reconhecer-se como parte ativa na construção de sentidos do texto lido. O segundo eixo aborda o letramento literário como uma prática que dialoga com o leitor e não se restringe apenas ao signo lingüístico, à decodificação ou fruição estética, ela se constitui como uma prática de interação entre texto e contexto, em que o leitor se engaja ativamente na interpretação crítica, refletindo sobre as relações de poder, cultura e sociedade.

Por fim, o terceiro eixo apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa, orientados pela perspectiva decolonial, evidenciando como teoria, prática docente e escuta das experiências escolares se entrelaçam na construção de um letramento literário racial comprometida com a ancestralidade e a justiça social.

Como embasamento teórico tecemos diálogo com Freire (1987, 1996), Rildo Cosson (2022), Vincent Jouve (2002,2012), bell hooks (2017), Maria de Fátima Berenice da Cruz (2012), Carlos Magno Gomes (2011), Jorge de Souza Araujo (2006), Graça Paulino (2004). A pesquisa em questão é de caráter exploratório, pois a leitura literária é um ato político, exercício ativo e libertador.

A investigação ocorreu com um grupo de estudantes de escola pública de Mata de São João, Bahia, turma do 9º ano da Escola Municipal Célia Goulart de Freitas, que nos permitiu aprofundar a perspectiva qualitativa. Para tanto, tecemos diálogos com o Conto Maria, presente na obra Olhos D'Água da escritora Conceição Evaristo. Esperamos que este estudo possibilite aos docentes e discentes uma ressignificação de saberes.

## **TECENDO LEITORES CRÍTICOS: PRÁTICAS DE LEITURA NA SALA DE AULA E ESCUTA SENSÍVEL**

Quando permeada pela escuta e pela consciência crítica, a literatura transforma-se em uma força que conecta passado, presente e futuro. Ler visto dessa forma, é um ato de esperança e uma forma de inventar o futuro. Cada obra literária cria oportunidades para o leitor ver o mundo de forma diferente – através das perspectivas da diversidade, da memória e da alteridade.



Consequentemente, ao ser tocado pelas vozes sociais subalternizadas e invisibilizadas que a literatura traz à tona, o leitor não apenas compreende, mas também se reinventa: torna-se alguém que consegue vislumbrar mundos onde a justiça e o pertencimento são possibilidades reais. Esse desenvolvimento não se limita à sala de aula; afeta a vida cotidiana, a forma como vemos os outros e como contamos nossas próprias histórias. Maria Cruz aborda que:

Acredito que todos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem devem lutar para que a leitura seja fonte de prazer, e para isso é possível criar situações que favoreçam o desenvolvimento dos domínios emotivo, cognitivo e imaginário; ainda que tentativas falhem. Mas temos consciência de que a regularidade da leitura desemboca, muitas vezes, em sucesso, visto que a leitura, para lá da sua função utilitária, é um de socialização e de reconhecimento social. (Cruz, 2012, p.103)

Nesse contexto, a leitura literária é uma jornada de crescimento, um processo contínuo de construção de perspectivas críticas, que expõe as estruturas de poder que controlam a nossa sociedade. A partir da leitura crítica e reflexiva, o leitor pode se reconhecer, experienciar emoções até então nunca sentidas. Percebemos então a importância da leitura, quando se manifesta como um ato político, quando para além dos atos de ler e ouvir, passam a funcionar como ferramentas para a liberdade.

Nesse sentido, ao entrelaçar sua própria compreensão do mundo, o leitor crítico ajuda a criar futuros potenciais – futuros construídos por meio de palavras, imaginação e memória compartilhada. bell hooks salienta que:

Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos do saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que a nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadoras. (bell hooks 2017, p.63)

Nesse processo, a crítica cultural assume papel essencial, pois contribui para a formação de um leitor cultural, capaz de compreender as relações de poder, exclusão e resistência inscritas nas narrativas literárias. Carlos Gomes salienta que (GOMES, 2017, p.12) “...a leitura se torna eficiente quando passa a ser uma prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade nas representações culturais.” Ler, sob essa ótica, é um ato político que ultrapassa a dimensão interpretativa para tornar-se prática de enfrentamento das hegemonias discursivas.



Nessa perspectiva, notamos que os estudantes precisam se protagonistas de suas ações, e para tanto, o mediador do conhecimento, deve dar aos estudantes o que eles merecem. A exemplo de levar para sala de aula, leituras que despertem o olhar, que descortinem a imaginação, criatividade, senso crítico e o gosto pela leitura dos discentes. A leitura literária com significação exige mais do que apenas habilidades técnicas de leitura; exige a capacidade de sentir o texto, ouvir o que está faltando e reconhecer as vozes silenciadas.

Assim, cada vez que lemos com criticidade, a literatura se torna um ato de resistência, uma rebelião simbólica contra o invisível e a mesmice cultural. O leitor que emerge dessa prática é alguém que, reconhecendo-se em uma variedade de vozes, aprende a criar futuros onde a literatura é uma ferramenta para transformar a sociedade e a humanidade.

## **O LETRAMENTO LITERÁRIO COMO PRÁTICA DIALÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

O letramento literário, entendido como um processo social, estético e formativo, ultrapassa a simples decodificação das palavras. Ele se realiza no diálogo constante entre leitor, o texto e contexto, possibilitando que a leitura se torne espaço de encontro entre mundos reais e ficcionais. Ler, nesse sentido, é um gesto de escuta e resposta, no qual o sujeito se envolve criticamente com a linguagem e com a realidade que o cerca. Maria Cruz aborda que (CRUZ, 2012, p.145) “As obras literárias por lidarem com a palavra, exercem uma função ideológica, pois comunicam experiências, sentimentos, conflitos e decisões.”

Nessa direção, bell hooks (2017) compreende o ato de ler e ensinar como uma prática de liberdade, pois a leitura crítica e afetiva rompe com as estruturas de dominação e abre caminho para a emancipação do sujeito. Essa concepção dialoga profundamente com o letramento literário na escola, especialmente quando o texto literário é tomado como encontro espaço de encontro e saberes, identidades e memórias. bell hooks frisa que:

Todos os alunos, não somente os de grupos marginalizados, parecem dispostos a participar energicamente das discussões em sala quando percebem que elas têm uma relação direta com eles (se os alunos não brancos só falam quando se sentem ligados ao tema pela experiência, esse



comportamento não é aberrante). Os alunos, mesmo quando versados num determinado tema, podem ser mais tendentes a falar com confiança quando ele se relaciona diretamente com sua experiência. (hooks, 2017, p.118)

Dessa maneira, ao trabalhar com alguns contos da obra *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, esse movimento se concretiza de forma potente, pois as narrativas evaristianas convocam o leitor a reconhecer as marcas da ancestralidade, das desigualdades sociais e das resistências que atravessam os corpos e as vozes negras. No espaço escolar, particularmente com estudantes das séries finais, a leitura dessas histórias cria um processo dialógico em que o texto se entrelaça ao contexto de vida dos alunos, favorecendo o reconhecimento de si e do outro. Graça Paulino aborda que

A formação de um leitor significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus afazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leituras adequadas aos textos literários, [...] (Paulino 2044, P.56)

Nessa perspectiva, a “escrivência” de Evaristo rompe as fronteiras entre ficção e realidade, transformando a leitura em um ato político e afetivo, capaz de mobilizar a consciência crítica e promover a reexistência de sujeitos invisibilizados historicamente pela sociedade. Conforme Freire (1996), a diálogo entre educador, leitor e conhecimento é a condição essencial para que a leitura se torne instrumento de libertação, enfatizando que, para os que partem de contextos de opressão, é fundamental compreender o futuro como possibilidade de construção consciente e coletiva.

## **QUANDO MARIA NOS LÊ: OFICINAS, MEMÓRIAS E REIVENÇÕES DO LETRAMENTO LITERÁRIO**

Este tópico apresenta a metodologia adotada para o desenvolvimento das práticas de leitura literária realizadas com o conto “Maria”, presente na obra *Olhos D'Água* da escritora Conceição Evaristo. A proposta integra o capítulo e descreve o processo a construção das oficinas roda de conversas e atividades criativas que emergiram dessa experiência. Inspirada em Rildo Cosson que afirma (COSSON, 2022, p.120) “[...] a prática do letramento literário é como uma invenção da roda. Ela precisa ser inventada e reinventada em cada escola”. Nesse sentido, a metodologia apresentada aqui foi pensada como espaço de reinvenção da leitura, de escuta e de reexistência, articulando dimensões estéticas, afetivas e críticas.



A partir dessa concepção, as ações metodológicas foram organizadas com o intuito de transformar o espaço de leitura em um território de encontro, escuta e criação coletiva. A escolha do conto “Maria” de Conceição Evaristo, não se deu por acaso, mas foi um momento de ouvidoria em classe, após serem interrogados sobre quais temas eles, discentes, queriam que perpassassem nas aulas de português e na leitura literária. Como salienta Maria Cruz

Partindo desta perspectiva, passei a considerar que uma exposição teórica sobre a forma como nos apropriamos de um texto, poderia ser importante para que o aluno pudesse entender de que forma um elemento externo pode mexer com o nosso corpo cultural. Levei essa idéia a cabo e percebi que houve uma reação diferente dos alunos. Ao falar das três ações comunicativas que podem acontecer com o leitor no momento em que este se defronta com o texto literário, muitos alunos se identificaram com a explanação e de imediato diziam: -‘isso acontece comigo, sim’ ou - ‘é mesmo! Eu faço a cena em toda minha cabeça!’ (Cruz, 2012, p.161)

Nesse sentido, escolher a obra de Conceição Evaristo, foi uma escolha da turma para trabalhar as questões de desigualdade social, racismo, preconceito, violência contra mulher, fome, dentre outras. A escrita de resistência e memória dessa escritora possibilitou que os estudantes se reconhecessem nos rastros das histórias cotidianas marcadas por força e sensibilidade. Assim, o desenvolvimento das oficinas e rodas de conversa buscou entrelaçar a experiência estética com o exercício da consciência crítica, em consonância com o princípio freiriano de que a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. Desse modo, o letramento literário foi concebido como prática viva e reinventada, pois despertou afetos, provocou reflexões e fomentou o diálogo entre texto, sujeito e realidade.

Nesse contexto, a sequência didática foi concebida como um caminho de experiência estética e formativa, em que a leitura do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, funcionou como eixo central das práticas de letramento literário racial. A proposta partiu do entendimento de que o texto literário pode instaurar espaços de diálogo e pertencimento quando colocado em relação com as vivências e memórias dos leitores. Assim, as etapas da sequência foram planejadas para favorecer a escuta sensível, a expressão criativa e a construção coletiva de sentidos.

Ainda nesse viés, Cosson salienta que (COSSON, 2022, p. 121) “nós adotamos a denominação de oficinas porque desejamos enfatizar o caráter de atividade prática, de algo que requer a ação dos alunos e não simples exposição do professor,”. Nessa perspectiva, o estudante é o protagonista, um sujeito ativo, que dialoga com o texto e



seu contexto para questionar e reelaborar o que foi dito a partir de sua leitura de mundo, reafirmando o caráter transformador da experiência literária.

Cada atividade – desde o primeiro momento que foi uma acolhida, passando pela audição da música “Maria” “Maria de Milton Nascimento, até as produções criativas – foi pensada para possibilitar a leitura como um ato de encontro entre palavras, corpo e memória.

Ao promover o letramento literário a partir da leitura desse conto, houve uma exploração estética, social e identitária presente na narrativa. Inicialmente buscou-se criar um ambiente de acolhida e sensibilização, promovendo uma conversa sobre as experiências dos alunos com o nome “Maria”, suas memórias familiares e a presença de mulheres negras em suas histórias de vida. Esse momento de escuta ativa teve a intenção de despertar a afetividade e aproximar o texto literário da realidade dos sujeitos-leitores.

Após esse diálogo inicial, os estudantes ouviram a música “Maria, Maria” de Milton Nascimento, refletindo sobre a força simbólica atribuída às mulheres nomeadas “Maria” na canção. Em seguida, foram convidados a relacionar as representações femininas citadas durante a acolhida, destacando aspectos como resistência, dor, coragem e superação. Essa atividade possibilitou uma articulação entre literatura e música, estimulando a sensibilidade estética e o reconhecimento das vozes femininas negras que se afirmam por meio da arte.

Concomitantemente, Araujo aborda que (ARAUJO, 2006, p.77) “O sujeito leitor reage ao leitor sujeito pela produção e natureza da leitura, da linguagem poética, que suplanta os impasses da língua, da cultura, do poder”. Nessa perspectiva, a literatura não é apenas objeto de análise, mas espaço de experiências e significação. Graça Paulino (2004) reforça que o letramento literário se consolida quando o leitor mobiliza saberes culturais, históricos e subjetivos para construir sentidos.

Partindo dessa perspectiva, na segunda etapa houve a leitura compartilhada do conto “Maria” pelos alunos, com pausas estratégicas para comentários, inferências e levantamento de hipóteses. Durante a leitura, discutiram-se elementos da linguagem literária, como construção poética da personagem, o uso simbólico da repetição e a força das imagens que retratam a vida de mulheres negras em contextos de exclusão social. Essa etapa teve o propósito de ampliar a percepção dos estudantes sobre as vozes subalternizadas que emergem na obra, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência crítica racial.



Na sequência, os estudantes participaram de uma atividade interpretativa criativa, na qual foram convidados a reescrever trechos do conto sob sua própria perspectiva, expressando sentimentos e reflexões sobre as “Marias” que conhecem em suas comunidades. Além disso, produziram desenhos inspiradores em fragmentos do conto que consideraram mais impactantes, registrando de forma visual as emoções e sentidos despertados pela leitura. Essa etapa buscou valorizar diferentes linguagens expressivas e fortalecer o vínculo afetivo com a obra literária, permitindo que os alunos traduzissem em imagens e palavras suas leituras sensíveis e críticas.

Por fim, realizou-se momento de socialização, em que os estudantes compartilharam suas produções em grupo, construindo uma roda de leitura e escuta sensível. Essa etapa retoma a perspectiva de Rildo Cosson (2022) ao afirmar que a prática do letramento literário é como uma invenção da roda, e precisa ser inventada e reinventada em cada sala de aula.

A luz de Paulo Freire e bell hooks, essa experiência revela que ensinar e aprender ultrapassam os limites do conteúdo: trata-se de um ato de amor, diálogo e libertação. Assim como Freire defende que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, os estudantes puderam compreender que as histórias de Maria – reais ou ficcionais – são também leituras de mundo, marcadas por resistência e esperança. Inspirada por bell hooks, a prática docente aqui se traduz em um gesto de ensinar a transgredir, criando um espaço em que a escuta, o afeto e a reflexão crítica se entrelaçam, fazendo da leitura literária um caminho de reexistência e transformação social.

## CONSIDERAÇÕES

Compreender o letramento literário como uma prática dialógica de construção de sentidos é reconhecer que a leitura literária não se limita ao domínio técnico das palavras, mas se expande como experiência humana e social. O encontro entre o leitor, texto e contexto torna-se espaço de escuta e criação, onde diferentes vozes, saberes e memórias se entrelaçam na produção de novos significados.

A experiência com o conto “Maria” de Conceição Evaristo, mostrou que o letramento literário constituiu-se como uma prática de construção de sentidos, afetos e reflexão crítica. A combinação de acolhida, leitura compartilhada, audição da música, produção de textos e desenhos permitiu que os estudantes relacionassem o texto às suas



experiências, exercitando a leitura subjetiva e fortalecendo a formação de leitores críticos.

As oficinas e rodas de conversas, articuladas à perspectiva de Rildo Cosson (2022), reforçaram que o letramento literário é uma prática inventada e reinventada em cada contexto escolar e o estudante torna-se o protagonista nessas ações escolares, uma vez que exerce a criatividade, diálogo e reflexão crítica diante do texto lido. Nesse percurso, a leitura tornou-se um espaço de reexistência e engajamento, permitindo que os discentes interpretassem, expressassem e transformasse suas experiências, reafirmando a literatura como instrumento de consciência e transformação social.

Assim, o letramento literário se afirma como uma prática formadora, que não apenas desenvolve competências leitoras, mas também desperta a sensibilidade, o pensamento crítico e o reconhecimento das diversidades. Quando atravessada pela perspectiva racial, essa prática adquire ainda mais força, torna-se caminho de reconstrução identitária e de reexistência simbólica, reafirmando a leitura como ato de empatia, resistência e humanização.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, JORGE DE SOUZA. **Letra, leitor, leituras: reflexões** / Jorge de Souza Araújo. - 2ed. – Itabuna: Via Litterarum, 2006.

COSSON, RILDO. **Letramento literário: teoria e prática** / Rildo Cosson. 2.ed., - São Paulo: Contexto, 2022.

CRUZ, MARIA DE FÁTIMA BERENICE DA. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor** / Maria de Fátima Berenice da Cruz. – Salvador: EDUNEB, 2012.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura)

HOOKS, BELL. **Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade**/ bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo Editora WMF Martins Fontes 2013.

GOMES, CARLOS MAGNO. **O lugar do leitor cultural**. Revista Pontos de Interrogação, vol.1, núm.1, 2011, pp.09-23



PAULINO, GRAÇA. **Formação de leitores: a questão dos cânones literários.** Revista Portuguesa de educação, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 47-62

JOUVE, VINCENT. **Por que estudar literatura?** / Vincent Jouve; Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores. São Paulo: Parábola, 2012.

JOUVE, VINCENT. **A leitura.** / Vincent Jouve; tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

